

ENTRE PASSOS E IMPASSES: A PESQUISA EM PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE

*Ingrid de Figueiredo Ventura
Roseane Freitas Nicolau*

Este trabalho propõe discutir a especificidade da pesquisa em psicanálise na universidade. Esta se funda em pressupostos diferentes daqueles que embasam o método da ciência clássica, onde o contexto da descoberta – característico da investigação psicanalítica – coincide com o da verificação científica.

O método psicanalítico de investigação se baseia na interpretação, na tentativa de dar sentido a um discurso que se encontrava fora da ordem da racionalidade, como pontua Nicolau (2007, p. 21):

O método clínico baseia-se na interpretação, na busca de sentido que escapa à ordem objetiva. Ele se efetiva no âmbito da relação, onde o outro é convocado, pressupondo uma intersubjetividade para a apreensão do objeto. O procedimento privilegia, assim, a fala dos pacientes e a escuta do terapeuta. Esta escuta produzirá um material clínico importante para que se possa pensar novas formas de compreender, na prática, uma demanda que suscita tantos equívocos em seu acolhimento.

Vários estudiosos, como Elia (2000), Nicolau (2007), Nicolau e Alberti (2009), empreendem uma discussão acerca da *práxis* psicanalítica no âmbito da universidade, onde se revela impasses referentes à inserção do seu discurso neste campo que se revela, predominantemente, dominado por outros discursos, além do perigo da psicanálise se tornar um saber totalizante dentro desta instituição. Freud, ao tratar da inserção da psicanálise na universidade, no escrito intitulado **Sobre o ensino da psicanálise nas universidades** (1919 [1918]/1996), ressalta que este pode ser considerado a partir de duas óticas: a da psicanálise e a da universidade. Sobre o ponto de vista psicanalítico, pontua que o psicanalista em formação prescinde da universidade para tal, pois pode obter elementos teóricos através da busca por literatura da área, da frequência em

congressos científicos e do convívio com profissionais reconhecidos. Com relação à sua prática, poderá receber forte influência de sua análise pessoal e do investimento em seus atendimentos clínicos, apoiados em supervisão por psicanalistas mais experientes. Aponta, com isso, a independência da psicanálise com relação ao saber universitário, visto que possui condições adequadas para oferecer suporte aos analistas em formação.

No que concerne à visão da universidade, deve-se analisar o desejo destas instituições em inserir o saber da psicanálise na formação de seus médicos e cientistas. A partir desta exposição, precisa-se então compreender como o ensino será transmitido no discurso universitário.

Freud (1919 [1918]/1996) ressalta a importância da inserção do saber psicanalítico na universidade, especialmente nos cursos de medicina, onde o aspecto subjetivo era negligenciado em detrimento da influência do aspecto orgânico-funcional sobre a causa de várias patologias, demonstrando que a importância dada ao organicismo vem escamotear um furo no discurso médico quanto ao estudo da etiologia destas afecções e, conseqüentemente, uma falha na transmissão deste saber.

No entanto, apesar de tecer considerações sobre a importância da inserção do ensino da psicanálise na universidade e, especialmente, para os alunos de medicina, Freud recomenda que o saber psicanalítico propriamente dito não pode ser transmitido, pois isto só é passível de ocorrer a partir da transferência. Por este motivo, esse ensino deveria se restringir às referências teóricas, objetivando que este estudante consiga apreender alguns conceitos básicos da psicanálise, sobre e a partir da mesma. Como afirma Freud (1919 [1918]/1996, p. 189):

Devemos considerar, por último, a objeção de que, seguindo essa orientação, o estudante de medicina jamais aprenderia a psicanálise propriamente dita. Isso, de fato, é procedente, se temos em mente a verdadeira prática da

psicanálise. Mas, para os objetivos que temos em vista, será suficiente que ele aprenda algo *sobre* psicanálise e que aprenda algo *a partir da* psicanálise. (grifo do autor)

Em estudo posterior, Freud (1912/1996) recomenda que investigação e tratamento coincidam no contexto da operação psicanalítica, considerando que os efeitos da pesquisa em psicanálise ocorrem a partir da transferência, isto é, no só-depois da experiência analítica. Elia (2000) ressalta que o método teórico-clínico da psicanálise opera a partir de dispositivos que permitem tal coincidência. Sobre esta questão, o autor nos lembra que a pesquisa é um aspecto fundamental da prática analítica, ou seja, intrínseca à mesma, guardando uma relação essencial com o inconsciente.

Lacan (1953-54), no *Seminário 1*, insistiu em afirmar que Freud não realizou uma investigação baseada nos mesmos pressupostos teórico-metodológicos de outras pesquisas, pois o que buscava era a verdade do sujeito e não a imposição de uma verdade sobre ele, como outras pesquisas propunham. Logo, a pesquisa desta verdade do sujeito não se restringe ao método científico clássico, pois o que se espera e do que se trata é de apontar para esta verdade como uma dimensão própria que deve receber destaque na sua própria originalidade relativa à realidade em que se encontra.

O autor afirma que Freud estava interessado em uma investigação de uma verdade que se encontrava completamente atrelada a ele mesmo como analista e também, à sua técnica durante o tratamento, que se apresentava através de uma abordagem do sujeito que colocasse em jogo a singularidade do mesmo. Tirando conseqüências disso, ressalta que a psicanálise se caracteriza como uma ciência do particular, mesmo que os casos estudados tenham as suas análises levadas a alguma generalidade. No entanto, a análise se distingue pela singularidade em sua abordagem, escutando um sujeito e a sua verdade. Não podemos esquecer que isto colaborou para

Freud construir e verificar a própria psicanálise, já que nunca se havia realizado uma análise anteriormente, o que significa que o método estava sendo estabelecido e ordenado, evidenciando o caráter “inaugural” do seu método clínico.

No *Seminário 11*, Lacan (1964/2008) irá se perguntar se psicanálise é uma ciência ao discutir o que é uma *práxis* e, mais precisamente, o que é a *práxis* psicanalítica. Aponta que a psicanálise, sendo ou não digna de se inscrever no campo da religião - já que o autor aproxima a *Internacional Psychoanalytical Association* a uma Igreja e a uma prática religiosa - ou no campo da ciência, contribui para a distinção entre ambos.

Primeiramente, ao iniciar sua fala, aponta que alguns dos presentes afirmarão que a psicanálise é uma pesquisa. No entanto, ressalta que sua concepção é relativa a uma desconfiança com relação a esta afirmação, mesmo que o termo pesquisa seja tão apreciado pelas autoridades públicas por se tornar justificativa para muitos projetos. O autor assegura, com veemência, que não é um pesquisador, mas sim um “descobridor”, aproximando-se da afirmação de Picasso, onde diz que não procura, acha. Com isso, aponta que no âmbito da pesquisa, atrelada ao campo científico clássico, há dois segmentos: um concernente ao ato de procurar e outro ao de achar ou descobrir, aproximando a procura a um ato religioso, conforme suas palavras (LACAN, 1964/2008, p. 15):

Coisa curiosa, isto corresponde a uma fronteira muito bem definida quanto ao que se pode qualificar de ciência. Também há, sem dúvida alguma, afinidade entre a pesquisa que procura e o registro religioso. Diz-se ali corretamente – não me *procurarias se já não me tivesses achado*. O *já achado* está sempre por trás, mas atingido por algo da ordem do esquecimento. Não é assim uma pesquisa complacente, indefinida, que se abre então?

Desta forma, propõe que para a psicanálise ser denominada de ciência é necessário ainda alguma coisa a mais. Aponta que o que define um campo como científico é a existência de um objeto definido que está conectado com uma experiência. No entanto, não se pode assegurar que o objeto desta ciência é imutável, não sendo possível dizer que o objeto presente no nascimento da Física ou da Química é o mesmo daquele momento. Além disso, segundo o autor, uma *práxis*, que se relaciona com o campo da experiência, não pode definir uma ciência, isto é, “[...] submeter uma experiência a um exame científico, sempre se presta a deixar entender que a experiência tem por si mesma uma subsistência científica.” (p. 16).

Posteriormente, no escrito *A Ciência e a Verdade*, Lacan (1966/1998) irá apontar que a psicanálise é derivada da ciência clássica, mas o seu modo de construir e de desenvolver uma pesquisa é bem diferenciado do originário do método científico de investigação. Esta distinção é proveniente das especificidades de cada campo. Todavia, apesar do método teórico-clínico ser derivado da ciência “legítima”, encontra a sua condição de possibilidade a partir do corte operado sobre o pensamento moderno, partindo de Galileu e Descartes.

No entanto, apesar da psicanálise ser derivada da ciência, também rompe com a mesma, na medida em que concebe a noção de sujeito do inconsciente, descentrando o homem do seu eu e levando a se pensar em uma irracionalidade que o atravessa e que o constitui. A partir deste rompimento há uma demarcação clara entre estes dois campos discursivos distintos. Sobre isso, Elia (2000) salienta:

Lacan coloca para a ciência a questão: ‘que ciência poderia incluir a psicanálise?’, demonstrando, com isso, que é a psicanálise que coloca para a ciência uma questão, precisamente a de ter reintroduzido o sujeito na cena discursiva em que a ciência, ao fundar-se, o situou e da qual, no mesmo golpe, o excluiu. Pode a ciência suportar a inclusão do sujeito, por ela mesma suposto, na cena discursiva que constitui o seu campo operatório? Ou tal inclusão implica o corte discursivo que funda a psicanálise? Lacan responde negativamente à primeira questão e afirmativamente à segunda, situando,

assim, com rigor e precisão, a relação de derivação e ultrapassagem da psicanálise em relação à ciência, no ponto preciso em que tal derivação se constitui: o ponto do sujeito. (p. 19-35)

Desta forma, a psicanálise promove uma subversão na abordagem científica, mais precisamente na linguagem da medicina - já que esta dicotomiza o sujeito em corpo e mente - pois opera com o objetivo de permitir a emergência do sujeito do inconsciente, o qual se encontrava excluído até então, no campo científico. Este sujeito, permanecendo à parte do âmbito da ciência, já que esta lhe foi imposta como sua condição própria, encontra a sua inclusão na psicanálise justamente por onde se achava fora: pela via do inconsciente. Podemos apontar então que se o saber psicanalítico não objetiva o alcance de resultados quantificáveis e previsíveis através do método clássico, não há como a psicanálise ser enquadrada dentro destes critérios, pois não se funda na busca do entendimento a partir da lógica racional, apontando para um sujeito que não se sabe, ou seja, que aparece nas falhas do discurso, e só podendo ser vivida a partir da experiência da transferência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIA, L. Psicanálise: clínica & pesquisa. In: ALBERTI, S.; ELIA, L. (orgs.). **Clínica e pesquisa em psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. p. 19-35.

_____. (1912) Recomendações aos médicos que praticam a psicanálise. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 147-159.

_____. (1919 [1918]). Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 217-220.

LACAN, J. (1953-1954) **O Seminário. Livro 1: OS escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

_____. (1964). **O Seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. (1966) A ciência e a verdade. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 869-892.

NICOLAU, R. F. **O sintoma do corpo: uma contribuição ao estudo dos mecanismos subjetivos e da lógica que engendra as manifestações somáticas do corpo**. Projeto de Pesquisa – UFPA, Belém, 2007.

NICOLAU, R. F.; ALBERTI, S. Transmissão na Universidade, saber e desejo do analista. **Pulsional - Revista de Psicanálise**. São Paulo, v. 198, n. 22/2, p. 98-109, 2009.

SOBRE OS AUTORES

Ingrid de Figueiredo Ventura. Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Pesquisa “Psicanálise, sintoma e instituição” coordenado pela Profa. Dra. Roseane Freitas Nicolau e cadastrado no diretório de Grupos do CNPq. Membro do Grupo Suporte da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Belém.

Roseane Freitas Nicolau. Psicanalista. Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da UFPA. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Psicanálise, sintoma e instituição” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA e cadastrado no diretório de Grupos do CNPq. Membro do Grupo de Trabalho “Dispositivos Clínicos em Saúde Mental” da ANPEPP.